



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A GINÁSTICA GERAL POTENCIALIZANDO PROCESSOS DE INCLUSÃO
PARA JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Prof^a Maryadne Dias Gonçalves¹
Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Carvalho Silva de Sá – UFES²

RESUMO

O estudo objetiva analisar e discutir as possíveis contribuições da experimentação de práticas corporais fundamentadas na ginástica geral (GG) aos processos de inclusão de jovens e adultos com deficiência intelectual. De caráter qualitativo, o estudo foi pensado em um total de 10 encontros, tendo 10 alunos com deficiência intelectual, oriundos da APAE – Vitória/ ES. A pesquisa realizada durante o Projeto de Extensão de GG teve a participação de 6 estagiárias e 3 professores do curso de Educação Física. Por meio da Análise de Conteúdos os relatórios, as imagens e os depoimentos analisados apontaram desafios, possibilidades, limites e conquistas na experimentação desta prática corporal, evidenciando mudanças qualitativas no desenvolvimento destes, de forma a contribuir significativamente na forma como eles se percebiam enquanto cidadão, potencializando assim, seus processos de inclusão socioeducacional.

Palavras – chave: Ginástica Geral; Educação Física; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em tese foi desenvolvida como requisito para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso e, teve como foco central investigativo a análise sobre a utilização da experimentação de Ginástica Geral (GG) ou Ginástica para Todos (GPT)³ como instrumento de contribuição aos processos de Inclusão de Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual.

A opção por esta temática caminhou no intuito de pesquisar o movimento corporal das pessoas com deficiência, e entender como a GG pode auxiliar no processo de inclusão de pessoas com deficiência intelectual. Levamos em consideração, *a priori*, o movimento que aluno já traz de suas vivências anteriores não trabalhados de forma efetiva em aulas de GG. Desse modo, a vivência foi feita de maneira a conhecer o corpo, obtendo o entendimento do se expressar através dele, e o respeitar o próprio corpo e o do outro.

A opção por analisar e discutir a contribuição de uma proposta intervencionista no âmbito das práticas corporais para pessoas com deficiências, alicerçou-se também na constatação de que, ao longo de décadas percebe-se uma carência de políticas que

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo

² Professora Doutora do Centro de Educação Física e Desportos – Coordenadora do Laboratório de Educação Física Adaptada do CEFD/UFES.

³ Este termo passou a ser utilizado desde Janeiro de 2007. Porém, neste estudo iremos utilizar o termo Ginástica Geral.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

garantam a oferta e a permanência de projetos voltados para a prática do esporte, do lazer e da recreação para a população de jovens e adultos com deficiência. Hoje vemos que a partir das políticas inclusivas existentes, isto tem se modificado de alguma forma, na medida em que tais ações veem auxiliando no processo de inclusão desta população, oportunizando-os o direito a estes serviços (SASSAKI, 2006).

O acesso aos serviços permite ao deficiente experimentar/vivenciar outro mundo de cultura, representações e movimentos corporais, e ainda,

[...] aumentar a probabilidade de realizações pessoais e ampliar o repertório de atitudes sociáveis, e dar a chance de descobrir as suas potencialidades proporcionando incremento da auto-estima, autoconfiança e sobre tudo a integração social. (GÂNDARA, 1997, p.308).

Neste aspecto, cabem aos gestores de políticas públicas, as autoridades esportivas dentre outras, construir políticas que garantam a oferta e permanência de serviços a todos os indivíduos, em especial às pessoas com deficiência, contribuindo assim, para um melhor desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e da socialização, de forma a colaborar em seus respectivos processos inclusivos.

CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO

Em parceria com Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA) no Centro de Educação Física e Desportos na Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), a pesquisa foi realizada dentro de um projeto já existente que se intitula “*Prática Pedagógica de Educação Física para pessoas com deficiência intelectual*”, cujo objetivo primordial é o foco no desenvolvimento de estudos de práticas pedagógicas inclusivas no atendimento educacional a crianças, jovens e adultos com deficiência. Neste sentido, o projeto de Ginástica Geral (GG) teve a intenção de somar ações que favoreceriam e socializariam a produção de práticas pedagógicas inclusivas para jovens e adultos com deficiência intelectual a fim de garantir-lhes de fato e de direito uma vida mais justa e igualitária.

A escolha pela utilização da Ginástica Geral surgiu em conversas com a professora orientadora do TCC, quando se percebeu o quanto esta prática seria contributiva para o grupo em questão. Como afirma Oliveira & Lourdes que a atividade com GG, “[...] apresenta-se então dotada de um caráter de autonomia, liberdade, o que favorece também o convívio em novos grupos, fazendo com que o indivíduo alargue as fronteiras do seu mundo e intensifique assim suas comunicações. (2004)”

Sendo assim, podemos concebê-la como componente privilegiado no contexto educativo, tendo contribuições aos processos de inclusão destes jovens e adultos com deficiência intelectual. Entende-se hoje que trabalhar com a GG nas aulas de Educação Física é uma opção interessante, isso porque como afirmam Souza (1997) e Gallardo (1995) o trabalho com a GG “[...] constitui numa referência importante devido ao seu caráter pedagógico e inovador”.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Entendemos que todas as pessoas apresentam potencial para realizar práticas corporais dentro dos seus limites e, neste caso, os indivíduos que apresentam deficiência intelectual não seria diferente. Desta forma, propusemos atividades de maneira que elas vivenciassem/experimentassem determinados materiais, ritmos e movimentos para que se aproximassem da prática da GG. Atentando para a movimentação corporal dos alunos deficientes, percebemos as emoções sendo demonstradas e as conquistas alcançadas a cada encontro. Ressaltamos a importância deste trabalho com pessoas com deficiência intelectual, não só no aprendizado de um determinado conteúdo ou modalidade, mas na identificação de um movimento corporal diferenciado, e ainda na concretização de uma expressão que antes não era conhecida por elas. Portanto, a GG torna-se, em alguns momentos, uma prática que potencializa seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, tornando-se possível a sua realização com estes jovens e adultos.

A partir dos pressupostos elencados construímos a seguinte questão que orienta este estudo: Em que medida *a experimentação da Ginástica Geral (GG)*, poderia operar como uma ferramenta potencializadora aos processos de Inclusão de Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual?

Ao encontro de elementos teórico-empíricos que nos auxiliassem a responder esta problemática, construímos os seguintes objetivos a serem almejados ao longo deste estudo:

Analisar as possíveis contribuições da experimentação da Ginástica Geral (GG) para os processos de Inclusão de Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual.

Para tanto delineamos as seguintes ações:

- Identificar as possibilidades/conquistas e os desafios/limites dos alunos na realização de movimentos da Ginástica Geral tendo com eixo norteador os aspectos socioafetivos, cognitivos e psicomotores inseridos nesta experimentação;
- Analisar e discutir os possíveis desmembramentos desta experimentação na/para os projetos de inclusão socioeducacional dos envolvidos.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Educação Física e Desportos na Universidade Federal do Espírito Santo, no período de Agosto a Novembro de 2010, a qual foi desenvolvida em um total de dez encontros todas as terças-feiras com duração de uma hora. Nestes encontros os responsáveis separavam as aulas em submomentos para que os alunos tivessem um melhor aproveitamento deste tempo. Sendo assim, no início dos encontros sempre havia um momento de recordar o que havia sido feito até então, pois entendíamos que muitos deles tinham esta necessidade; depois apresentávamos as atividades que seriam realizadas no dia; e por fim a prática destas atividades, sempre sendo realizadas com segurança e acompanhamento das estagiárias. No planejamento, que acontecia logo após os encontros, eram esboçados os conteúdos e a metodologia que seria utilizada nas próximas intervenções, com a presença de todos os participantes do projeto.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A principal ferramenta para análise dos dados foram os relatórios feitos pelas estagiárias, que tiveram contato direto com os alunos deficientes. Com um número total de 10 relatórios, foram descritos não só o processo de execução das aulas, mas também como os alunos se portavam em determinado momento da prática de GG, verificando se esta havia influência sobre este comportamento. Tínhamos ainda, câmeras digitais em que registrávamos imagens dos alunos experimentando as brincadeiras, jogos e atividades.

Com caráter sustentado por um relato de experiência com base qualitativa e exploratória, a pesquisa permitiu aos envolvidos (estudantes, alunos/monitores e a coordenadora do grupo) o contato direto e interativo com os sujeitos deste estudo tomando o ambiente natural como fonte direta de dados e, concebendo o pesquisador como instrumento fundamental dos movimentos que ali foram disparados (GODOY, 1995, p.52).

A natureza exploratória nos possibilitou uma “[...] maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2002, p.41). Por isso, a aproximação com os jovens e adultos com deficiência intelectual foi relevante, pois estes estão diretamente ligados a problematização, tendo por finalidade de afirmação do discurso sobre a GG dentro do processo de inclusão, tornando o problema mais aparente.

Ao final do semestre, os dados foram coletados e estudados com base na Análise de Conteúdos, defendida por Bardin (1977) com a intenção de identificar o que está sendo realizado em relação à GG como contribuição aos processos de inclusão de jovens e adultos com deficiência intelectual. Desse modo, segundo Bardin, o método que se aproxima a esta realidade é aquele que se caracteriza por ter,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. (BARDIN, 1977, p. 3).

Neste sentido, através das “comunicações”, que são as expressões corporais dos alunos ao realizarem a prática de GG, foram analisadas quais seriam as possibilidades desta modalidade servir como instrumento potencializador do processo de inclusão. Obtendo as “mensagens”, ou seja, as respostas dos alunos deficientes às atividades de GG propostas, tivemos os indicadores qualitativos que permitiram a dedução de conhecimentos relativos a estas possibilidades.

A GINÁSTICA GERAL POTENCIALIZANDO AÇÕES INCLUSIVAS

Na tentativa de compreender a GG como ferramenta de contribuição aos processos de inclusão a pessoas com deficiência, buscamos contextualizar a seguir alguns aspectos históricos, conceituais e procedimentais a partir dentro de um universo



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

político e inclusivo, sem perder de vista as possíveis suas possibilidades/limitações que passaram a experiência em tela.

A GG passou a ganhar espaço neste “mundo gímnico” no ano de 1984, após a reestruturação da Federação Internacional de Ginástica, a qual é responsável pelas modalidades gímnicas competitivas e demonstrativas nos Jogos Olímpicos. Na FIG a GG é denominada esporte recreativo, que estimula, além de outros fatores, a criatividade de seus participantes.

No Brasil, vemos a GG se desenvolver muito pouco, talvez seja pelo fato de nossos olhos midiáticos estarem voltados para a atuação da competição. A Confederação Brasileira de Ginástica, afirma que a GG é uma modalidade abrangente que está fundamentada nas atividades ginásticas como (Artística, Rítmica, Acrobática, Aeróbica e de Trampolim), valendo-se também de vários tipos de manifestações, tais como: danças, expressões folclóricas e jogos, expressos através de atividades livres e criativas. Dentre os diversos objetivos da GG existem alguns que são fundamentais para a formação humana como, promover o lazer saudável, proporcionando bem estar físico, psíquico e social aos praticantes; favorecer a performance coletiva, respeitando as individualidades, em busca da auto-superação, sem qualquer tipo de limitação para a sua prática; promover uma melhor compreensão entre os indivíduos; oportunizar a participação do maior número de pessoas em atividades físicas de lazer fundamentadas nas atividades gímnicas.

Infelizmente este tipo de modalidade a qual tem objetivos tão abrangentes a todas as necessidades de formação do ser humano, ainda tem participação muito pequena se comparada a outras modalidades. Percebemos que não só a prática da GG é escassa, como também são insuficientes os estudos sobre a prática de jovens e adultos com deficiência nesta modalidade. E ainda, encontrar projetos que relacionem a GG e este público, é muito difícil. Todavia entendemos que vem acontecendo um avanço, uma nova visão sobre esta prática, que estão levando a sociedade á mudanças não só dentro do esporte e do lazer, mas de uma forma geral em que estas pessoas possam participar de maneira integral da sociedade. Logo, devem ser construídas políticas públicas que oportunizem projetos que assegurem a adesão e a permanência qualitativa destas propostas, afim de garantir uma melhora na qualidade de vida de todos nós, em especial daqueles que tanto necessitam, no caso, pessoas com necessidades especiais.

Em nosso entender, as leis existem e significam a materialização da concepção de justiça de uma sociedade, devendo representar um equilíbrio entre os diferentes interesses existentes (FERREIRA & GUIMARÃES, 2003). Sendo assim, precisamos fazer jus ao que está posto em lei. A luta pelo conhecimento e entendimento dos direitos dos cidadãos com deficiência é longa e constante. Se hoje há algum reconhecimento que antes era uma questão apenas de responsabilidade do indivíduo, é resultado de uma persistente atitude por parte das pessoas com deficiência e seus familiares. Esses direitos, assegurados em lei, levam a sociedade a uma mudança de pensamento e atitude frente esta realidade.

Hoje o movimento é outro, a luta é outra: o cumprimento dos direitos ao serviço tem que ser de todos, não escolhendo apenas os deficientes. O acesso, a oportunidade deve vir a todos os cidadãos de igual modo. Quem deve se adaptar a diversidade



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

humana é o sistema. Como afirma Perez (2002), o movimento é do sistema e não do indivíduo.

O processo de inclusão inicia-se a partir de uma mudança da sociedade no sentido de outra/nova forma de organização social, e não, da tentativa de que as pessoas com deficiência se modifiquem para se ajustarem, tanto de forma estrutural como ideológica na sociedade vigente. Sasaki (2006) afirma que no paradigma da inclusão “[...] os sistemas que devem adaptar-se às necessidades das pessoas em geral. O importante na inclusão, é que o direito seja usufruído pelas pessoas com deficiência sem serem separadas das outras pessoas [...]” (p.106). Desse modo, a sociedade deve olhar para si e perceber que as pessoas que a ela pertencem tem necessidades diferentes ou próximas.

Os limites e possibilidades vislumbrado na experiência em tela

Fazendo recortes do projeto de GG dentro destas perspectivas apresentadas, verificamos possibilidades/conquistas encontradas ao longo do processo, assim como os desafios/limites que surgiram e o desmembramento dessa experiência com GG aos envolvidos no projeto.

Faz-se necessário evidenciar que esta proposta foi pensada a partir da condição de desenvolvimento dos envolvidos, ou seja, seus limites/possibilidades nos contextos de prática. Logo, não tomávamos como premissa fundamental, a execução ‘correta’ do movimento, e nem o momento exato em que todos tinham que realizá-lo e, sim, o que de fato se construía/expressava a partir do movimento proposto. A experiência em tese foi dividida em dois momentos, a saber: 1. O momento do planejamento das aulas e da reflexão da/sobre a prática realizada; 2. O momento da aula propriamente dita. Assim, no primeiro momento, juntamente com todos os participantes do projeto de GG, levando em consideração os objetivos delimitados para esta pesquisa, explanávamos os conteúdos da Ginástica que iríamos ministrar e inseríamos a discussão sobre a interação dos sujeitos com o ambiente como um todo e suas expressões corporais dentro da prática. Ainda neste momento, verificávamos a nossa própria prática para o aprimoramento na qualidade do ensino em outros encontros. No segundo momento, era realizada a materialização do que se havia discutido anteriormente. Nossos encontros eram marcados com diálogos entre os alunos com deficiência intelectual, com intenção de entendermos suas necessidades e trazeremos a eles novas possibilidades de se trabalhar a GG de forma potencializadora.

As atividades eram realizadas dependendo da intencionalidade da aula, com brincadeiras, jogos ou ainda com uma simples vivência dos aparelhos e dos movimentos corporais existentes na GG. Nestes momentos, utilizamos algumas vezes, a música como instrumento para o desenvolvimento das atividades, o que foi muito relevante para o trabalho. Ao final das aulas, fazíamos uma roda de conversa para obter a compreensão dos alunos sobre às atividades realizadas, conhecer seus desejos e poder construir com eles novas possibilidades de utilizar a GG no trabalho com pessoas com deficiência intelectual.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Destacando as possibilidades/conquistas no decorrer do projeto vimos que a socialização dos alunos com deficiência, tanto entre si como também nos laços estabelecidos com as estagiárias, foi de fundamental importância. Logo, compreendemos que as vivências com a modalidade de GG vão para além da prática, elas também criam oportunidades para gerar criatividade e espontaneidade, a partir da tomada de contato com o outro, da percepção e reflexão sobre as pessoas e a realidade na qual estão inseridas. (OLIVEIRA & LOURDES, 2004).

Entretanto, para que possamos avançar nesta dimensão necessitamos fomentar em nossas atividades, momentos de convivência, de socialização, de contato. Como propõe Rodrigues (2004) ao afirmar que na convivência com a diversidade “[...] os diferentes espaços nos quais nos inserimos deveriam ser de experiências compartilhadas para o exercício dessas inter-relações.” (p.48). Sendo assim, em nossas atividades criávamos momentos em que os alunos pudessem se relacionar, podendo isso acontecer em um movimento mais livre com músicas, ou em uma brincadeira com instrumentos de ginástica.

Outro fator a se evidenciar refere-se às mudanças qualitativas no desenvolvimento destes alunos com deficiência, de forma a contribuir significativamente na forma como eles se percebiam enquanto cidadão. Isto foi percebido na construção da coreografia, quando entendemos que além de aumentar o contato e a interação, o reconhecimento dos alunos com deficiência ao fazer parte de todo o processo de construção, os colocava como protagonistas da própria prática. Isso nos remeteu a pensarmos sobre o quanto esta experiência favoreceu aos envolvidos o reconhecimento sobre si, pois em todo o procedimento eles aprenderam e refletiram sobre o que estavam realizando.

Neste sentido, como afirmam Ferreira & Guimarães (2003) o ponto positivo da defesa em prol da inclusão é que “[...] estudar, analisar e refletir sobre as diferenças de toda ordem significa aprender um pouco mais de si próprio. Conhecer-se melhor faz parte da construção da cidadania” (p.147). Deste modo, com a coreografia e consequentemente com a apresentação ao final do projeto, eles puderam mostrar/perceber/conhecer, suas diferentes capacidades/possibilidades para realizarem os movimentos gminicos e, ainda, dentro de um contexto rítmico interagir com um grupo diferenciado de pessoas e se compreendendo como parte importante de toda a ação.

Durantes os encontros percebemos desafios/limites que se tornavam bem claros a nós ao longo do projeto, levando-nos a rever nosso planejamento, no sentido de se pensar/propor uma ação em que o aluno tivesse possibilidade para realizá-la da forma mais autônoma possível. A insegurança, o medo do novo, foram alguns aspectos que encontramos no decorrer das atividades e como estratégia utilizou-se o diálogo para que os alunos realizassem as atividades. Porém, notamos que o próprio diálogo com e entre os alunos com deficiência nos foi desafiador, visto que para eles, até mesmo a compreensão do quê falávamos, era algo de difícil entendimento.

Assim, dentro de suas limitações, nossos alunos através da prática corporal fundamentada na GG, obtinham conhecimento e autonomia na própria realização dos movimentos. Autonomia esta que significa, segundo Sasaki (2006), “[...] que a pessoa



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

com deficiência tem maior ou menor controle nos ambientes físicos e sociais que ela queira e/ou necessite frequentar para atingir seus objetivos.” (p.35). Deste modo, não era apenas o simples movimento do saltar, subir e descer do trampolim, ou correr e saltar, mas a autonomia de querer/poder realizar o movimentos com um mínimo de ajuda possível.

Portanto, percebemos a GG, como afirma Ayoub (2003) sendo um processo de aquisição de novos movimentos e conhecimentos, de uma forma que permita a transformação e a recriação. E ainda, deve-se então buscar como resultado uma performance possível, considerando-se a individualidade biológica de cada discente.

Por fim, analisando os desmembramentos desta pesquisa entendemos que o fazer parte deste projeto oportunizou aos envolvidos, não só a ocupação do tempo livre/disponível, pela socialização com outros participantes, mas, também e principalmente pela possibilidade destes experimentarem outras/novas práticas corporais, oportunizando-os novas experiências que certamente vão potencializar seus processos de desenvolvimento humano. Como afirma Rocha et al. (2008) ao citar a GG como uma prática corporal que “[...] pode propiciar condições favoráveis de aprendizado e ampliação de repertório motor a partir do mundo de movimento dos alunos[...].” (p.15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo nos foi possível perceber que a experimentação da GG operou de forma potencializadora aos processos inclusivos dos envolvidos. Reconhecemos o caráter desafiador desta experiência visto que, a realização deste trabalho nos confronta (alunos, professores, estagiários e familiares) com sensações de insegurança, medo, a dependência entre outras sensações. Afinal não poderíamos deixar de evidenciar o fato de que, recorrentemente precisávamos compreendê-los por meio de diferentes possibilidades de linguagens, ou seja, pela via das respectivas expressões corporais, considerando que suas comunicações verbais serem comprometidas.

Entretanto, não poderíamos deixar de ressaltar que no projeto, especialmente em relação aos jovens e adultos com deficiência, esta experimentação criou possibilidades, tendo em vista os aspectos socioafetivos, cognitivos e psicomotores. A socialização, o diálogo, a autonomia, a reflexão a partir das práticas corporais fundamentadas em GG, foram algumas das possíveis contribuições realizadas no projeto.

Esperamos que através deste, outros estudos possam ocorrer nesta perspectiva, pois como afirma Oliveira (2004), “[...] o trabalho em Ginástica Geral propõe a educação a serviço de novos valores, manifestados e gerados na sociedade e na vivência do lúdico na cultura, sendo os participantes agentes da história, em busca da transformação social.” (p.228).

Assim, os participantes deste projeto, jovens e adultos com deficiência intelectual, podem de fato participar também de uma transformação social, tornando a sociedade mais inclusiva, a partir do entendimento de que esta sociedade,



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

[...] fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias. (SASSAKI, 2006, p.168).

Para finalizar, entendemos que a construção de uma sociedade inclusiva, pressupõe a aceitação da diferença e o reconhecimento das desigualdades que perpassam nossa sociedade. Para além disto, devemos reconhecer que todos nós temos limites, mas também, potencial. Talvez, este seja um bom caminho para que nos leve, efetivamente, ao encontro de uma sociedade mais igualitária e justa a todos e todas.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdos**. 2009. Ed. 70. Lisboa.
- CRUZ, G. C.; SORIANO J. B.. **A Formação Profissional em Educação Física Diante De Políticas Educacionais Inclusivas: Perspectivas Docentes**. In: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.
- FERREIRA, M. E. C. & GUIMARAES, M. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro. DP&A. 2003.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **Gymnaestrada Guide: 10th world gymnaestrada Berlin 1995**. Berlin: DTB, 1995.
- GÂNDARA, M. **Esporte e Integração social**. In: II Encontro Latino-Americano sobre síndrome de Down, 1997. Brasília: Anais do Congresso. Brasília: Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, 1997, p.307-308.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. - 4ª Ed.-São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995^a, p. 57
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 06 de junho de 2011.
- LANGLADE, A., LANGLADE, N. R de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.
- OLIVEIRA, N. R. C.; LOURDES, L. F. C. **Ginástica Geral Na Escola: Uma Proposta Metodológica**. Pensar a Prática 7/2: 221-230, Jul./Dez. 2004
- PEREZ. M. A. R. **Desafios para a Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial**. In: I Encontro Estadual sobre Educação Inclusiva. Ministério Público do Estado do Maranhão. Palestra proferida em 26 de Agosto de 2002. Disponível em http://www.ampid.org.br/Artigos/Artigo_Maria_Alice_1.php, acesso em 20 de abril de 2011.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

RODRIGUES, G. M. **Demarcações Sociais e as Relações Diádicas na Escola: Considerações Acerca da Inclusão.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 43-56, maio 2004

ROCHA C.G.R; MENEZES L.M; Rocha M.B, COSTA W.S. **Proposta De Inclusão Da Ginástica Geral (Ginástica Para Todos) Nas Aulas De Educação Física Escolar.** In: Universidade Presidente Antônio Carlos – Unipac, Faculdade de Educação e Ciências Sociais de Ribeirão das Neves, MG. 2008.

SASSAKI, R. K. **Inclusão/Construindo uma Sociedade para Todos.** Rio de Janeiro: WVA, 7ª Ed.2006.

SOUZA, E. P. M.; PÉREZ, G. J. S. **Ginástica Geral: Duas Visões de um Fenômeno.** In: Ayoub, E. (Org.). Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontros Ginástica Geral. Campinas: Gráfica da Unicamp, 1997.